

As Horas [The Hours] (2002) de Stephen Daldry
CINE CLUBE, 18 de Novembro 2014
BIBLIOTECA, FCT/UNL

“Taking human experience in a general way, the choosings of different men are to a great extent the same. The race as a whole largely agrees as to what it shall notice and name; and among the noticed parts we select in much the same way for accentuation and preference, or subordination and dislike. There is, however, one entirely extraordinary case in which no two men ever are known to choose alike. One great splitting of the whole universe into two halves is made by each of us; and for each of us almost all of the interest attaches to one of the halves; but we all draw the line of division between them in a different place. When I say that we all call the two halves by the same names, and that those names are ‘me’ and ‘not-me’ respectively, it will at once be seen what I mean. The altogether unique kind of interest which each human mind feels in those parts of creation which it can call *me* or *mine* may be a moral riddle, but it is a fundamental psychological fact. No mind can take the same interest in his neighbor’s me as in his own. The neighbor’s *me* falls together with all the rest of things in one foreign mass against which his own me stands cut in startling relief. Even the trodden worm, as Lotze somewhere says, contrasts his own suffering self with the whole remaining universe, though he have no clear conception either of himself or of what the universe may be. He is for me a mere part of the world; for him it is I who am the mere part. Each of us dichotomizes the Kosmos in a different place. (William James, “The Stream of Consciousness”, 1892. First published in *Psychology*, Chapter XI. (Cleveland & New York, World): <<http://psychclassics.vorku.ca/James/jimmv11.htm>>

“Within each personal consciousness, thought is sensibly continuous. I can only define ‘continuous’ as that which is without breach, crack, or division. The only breaches that can well be conceived to occur within the limits of a single mind would either be *interruptions*, *time-gaps* during which the consciousness went out; or they would be breaks in the content of the thought, so abrupt that what followed had no connection whatever with what went before. The proposition that consciousness feels continuous, means two things:

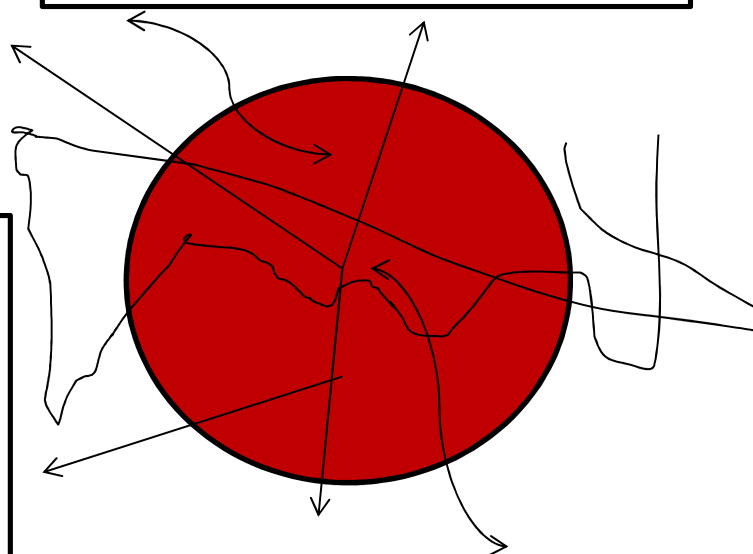
a. That even where there is a time-gap the consciousness after it feels as if it belonged together with the consciousness before it, as another part of the same self;

b. That the changes from one moment to another in the quality of the consciousness are never absolutely abrupt.” (William James, “The Stream of Consciousness”, 1892. First published in *Psychology*, Chapter XI. (Cleveland & New York, World):

<<http://psychclassics.vorku.ca/James/jimmv11.htm>>

“Mrs. Dalloway disse que ela própria ia comprar as flores. O serviço de Lucy estava já determinado. As portas seriam retiradas dos gonzos; o pessoal da Rumpelmayer vinha a caminho. E que manhã, pensou Clarissa Dalloway – tão fresca, como se feita para as crianças brincarem na praia”. (Virgínia Woolf, *As Horas*, trad. José Miguel Silva, Lisboa: Relógio D’Água, [1925] 2004, 7.)

“Mas qual seria a explicação científica (pois há que ser, antes do mais, científico)? Como podia ele ver através dos corpos, adivinhar o futuro, quando os cães se transformassem em homens? Seria talvez efeito da vaga de calor, que agia sobre um cérebro tornado sensível por éons de evolução. Falando em termos científicos, a sua carne derretia-se para fora do mundo. O seu corpo havia sido macerado até às fibras nervosas; apenas estas restavam. E fora depois estendido por cima das rochas, como um véu”. (Virgínia Woolf, *As Horas*, trad. José Miguel Silva, Lisboa: Relógio D’Água, [1924] 2004, p. 79.)



Primeiro capítulo: “Mrs. Dalloway”

“Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste género), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada, prometendo voltar dentro de meia hora”. (Michael Cunningham, *As Horas*, trad. Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa: Gradiva, 2000, p. 15.)

“Em torno dos relógios sem ponteiros e do tempo interior: as horas discretas do ser n’As
Horas”

Christopher Damien Aurretta

Obra do encenador e realizador britânico Stephen Daldry (n. 1960) – outros filmes seus incluem *Billy Elliot* (2000) e *O Leitor* (2008) –, *As Horas*, com um argumento de David Hare e uma banda sonora do compositor Philip Glass, baseia-se na ficção *As Horas* de Michael Cunningham, estruturada tematicamente, por seu turno, à luz da sua leitura inteligente e atenta da ficção modernista intitulada *Mrs Dalloway* (1925) de Virgínia Woolf (1882-1941). Eis um filme que merece ser tema de todo um seminário. Não para *explicar* o filme porquanto não se explica verdadeiramente uma obra de arte – uma obra revisita-se num estado de vulnerabilidade receptiva e indagação serena – mas, sim, para explorar e mapear a sua estrutura interna, o seu universo temático e o seu *pathos* específico. No caso d’*As Horas*, defrontamo-nos com o desafio de explorar uma obra filmica como um todo significativo ou totalidade estética dotada de uma longa história literária e filosófica. Com efeito, *As Horas* é um filme que assume uma fortíssima cumplicidade com a moderna reflexão artística e conceptual em torno da natureza do tempo e da consciência humana.

EM TORNO DA NATUREZA D’AS HORAS: Ao reflectirmos sobre o filme em questão, descobrimos que as horas a que se refere o título não se restringem ao tempo dos relógios, ou à cronologia dos acontecimentos exteriores, mas, sim, à condição temporal dos seres humanos na sua apreensão ou experiência subjectiva, na sua permeabilidade interior, na sua porosidade psicológica. É nestas horas, por definição não quantificáveis, que o tempo se torna um processo sobretudo qualitativo – um estado psicologicamente fluido – e a consciência humana uma jangada em alto mar. Sendo esta apreensão do tempo de natureza fundamentalmente subjectiva, o carácter mensurável dos ponteiros, a natureza sucessiva dos calendários, a comunicação verbalizada entre uns e outros e os eventos manifestamente públicos (por exemplo, a festa que Clarissa Vaughan planeia dar ao longo do filme com o propósito ostensivo de celebrar o amigo-poeta Richard Brown, o recipiente recente de um conceituado prémio literário) – todos estes elementos, pertencentes a uma realidade passível de registo objetivo -- *deixam de ocupar o primeiro plano da consciência*. É esta exploração do fenómeno do tempo, i.e., a natureza estruturante da memória e da consciência humana no plano temporal – o tempo considerado do ponto de vista da sua realidade subjectiva, ou melhor, *realização interior* –, que o filme tem por missão tornar visível, i.e., traduzir em linguagem cinematográfica o que opera no limite do mensurável, visível e comunicável. Para tal, o filme estrutura-se mediante o entrelaçar discreto da vida interior das personagens e suas histórias, bem como mediante a continuidade psicológica – o seu fio interior comum – entre elas no desenrolar das suas respectivas vidas ao longo de um só dia. *O tempo é um mar e uma memória sem contorno fixo*: as suas horas são vagas infinitas. Assim entendido, as horas de um só dia deixam de somar vinte e quatro. Com efeito, as horas multiplicam-se em horas que a vida interior das personagens inventa e a consciência humana traduz em momentos únicos. De tais momentos únicos e, na sua essência, irrepetíveis se constituem as biografias inefáveis do ser.

Impõe-se nesta etapa da nossa reflexão, perante a constelação de obras que iluminam o filme, esta questão central da natureza das horas destas *Horas*. Há que nunca perder de vista a ideia, no que respeita à nossa experiência subjectiva do tempo, de que *não pode existir em todo o universo a repetição de tais momentos pelo carácter absoluto da sua unicidade; nos algoritmos metafóricos da memória humana, são momentos que, na realidade, nunca acabam porque nunca se deixam captar pela compreensão objectiva ou abstracta*. O momento interior é desde já todo o universo subjectivamente entendido e vivenciado. Não existe nunca uma repetição de tais momentos prenhes de memória, pois cada um é singular e único. A consciência humana habita plenamente o evoluir qualitativo desta memória vital. Por conseguinte, impera nestas considerações o princípio da incomensurabilidade evolutiva e individual da memória, cuja lei é a não-repetição dos conteúdos da consciência, mesmo quando se trata de experiências paralelas ou semelhantes (por exemplo, a festa

organizada por cada uma das duas Clarissas deste filme que reúne toda uma constelação de obras em seu redor). Este princípio vigora em relação ao que aproxima e separa, sobrepõe e demarca, multiplica e une as vidas de Clarissa Vaughan e Clarissa Dalloway, a escritora Virgínia Woolf e o escritor ficcional Richard Brown, Laura Brown e Kitty (a amiga de Laura Brown), Sally (a companheira de Clarissa V.) e a biografia afectiva de Virgínia Woolf, entre outros casos que se poderiam mencionar neste contexto. Só pelo prisma da incomensurabilidade – da diferença – é que a repetição reafirma e recupera a sua unicidade, o seu mar próprio. Somos mares entre mares, vidas entrelaçadas com vidas, horas dentro de horas. Os relógios e os horários dos comboios pertencem a um outro paradigma temporal da modernidade...

AS HORAS E HENRY BERGSON: O tempo objectivo encontra-se, portanto, subordinado a uma estruturação íntima, inseparável dos estados da consciência individual, não traduzível em conceitos fixos ou em linguagem abstracta. Este tempo íntimo corresponde à narrativa interna do «eu»; tem a ver com o rio subcutâneo dos nossos estados mentais, ao oceano em perpétuo movimento da consciência singular. Assim são as horas concebidas em harmonia com a conceptualização do tempo como *duração*, uma conceptualização articulada pelo filósofo francês Henri Bergson (1859-1941, Prémio Nobel da Literatura de 1927), na sua obra *Les données immédiates de la conscience* [Os dados imediatos da consciência] (1889). Nesta obra – a sua tese doutoral –, Bergson desenvolve uma teoria do tempo que rejeita toda a abordagem mecanicista ao tempo em virtude da qual o tempo deixa de se poder dividir em quantidades matematicamente discretas, manifestando-se, alternativamente, na interpenetração de estados mentais que ocorrem numa contínua e múltipla (=irredutível) simultaneidade. Assim, o tempo torna-se qualitativo. Daí que as horas que nos ocupam aqui relativamente ao filme, à ficção de Cunningham e, em última instância, à escrita modernista de Woolf pertençam a um metafísico relógio sem ponteiros. São horas que se vivem ao ritmo de uma ideia ou cenário interno (em grego, *eidōs*, que significa imagem), não de acordo com os horários, ou os calendários, ou os dias límpidos da praça pública. As horas – na sua duração indeterminada e pluralidade inefável – representam, afinal de contas, um tempo proeminentemente cinematográfico. Traduzem-se em linguagem estética como a metáfora estruturante do psiquismo; manifestam-se como o movimento puro, que é afinal o significado da palavra cinema, i.e., imagens em movimento. As horas são, afinal, a metafórica velocidade a que acontece a consciência humana: são o veículo mais propício para a memória que se encontra para sempre a oscilar entre o movimento e a suspensão extática.

AS HORAS E A CONDIÇÃO HUMANA (i.e., EM TORNO DAS MULHERES, HOMENS E ESPECTADORES): Por isso, a festa planeada por Clarissa Vaughan – figura rememorativa da personagem de Woolf, Clarissa Dalloway, também organizadora de uma festa que começa onde acaba a ficção de 1925 – nunca se realizará, i.e., a festa de Clarissa V. repete e em simultâneo não repete a festa de Clarissa D. (Não se nada duas vezes no mesmo rio.) Ou antes, realiza-se no tempo interno de um ser, ora desiludido, ora esperançoso, ora estagnado no seu trajecto vital, ora motivado pela ideia da vida como abertura extática. Virgínia Woolf relata um só dia na vida da sua personagem: o dia da sua festa. *As Horas* relata o dia na vida de tres personagens, em épocas distintas: em 2001, a Clarissa (Meryl Streep), nova-iorquina; a Laura Brown (Julianne Moore), casada, mãe de um filho e novamente grávida, a debater-se com a ideia do suicídio, num bairro altamente convencional de Los Angeles, em 1951; e Virgínia Woolf (Nicole Kidman), a escritora, em 1923, que se suicidará tanto no filme como na vida, que no filme está em vias de escrever *Mrs Dalloway*. O mesmo livro que Laura Brown está em vias de ler e a Clarissa Vaughan está em vias de viver. Eis a urdidura externa – o andaime visível – de três consciências, três subjectividades e três tempos, cujas circunstâncias divergentes, contextualização histórica diversa e destinos díspares servem, sobretudo, para sublinhar uma unidade temporal subjacente, um momento plural e único, uma realidade irrepetível e extática. São de facto três vidas que se unem na nossa apreensão – como espectadores – de um todo significativo: o da condição humana em geral e o da condição da mulher em particular. Significativamente, Woolf, a figura tutelar deste filme e da ficção de Cunningham, escreveu longamente sobre a condição subalterna da mulher do seu tempo, das consequências desta

subalternia económica, educacional, emocional e sexual no casamento e no seu relacionamento humano em geral, bem como sobre questões relacionadas com a loucura, o discurso médico do seu tempo relativamente à loucura e a efectiva exclusão do doente desse mesmo discurso, sendo praticamente eliminado como sujeito da sua própria doença.

O espectador encontrará elementos rememorativos destas questões exploradas por Woolf na sua obra literária e jornalística neste filme de horas múltiplas e momentos únicos.

Eis mais alguns temas para um eventual seminário em torno do filme...

Henri Bergson, *Time and Free Will: An Essay on the Immediate Data of Consciousness*, excerto do quarto capítulo:
 <https://web.archive.org/web/20060501041921/http://spartan.ac.brocku.ca/~lward/Bergson/Bergson_1910/Bergson_1910_04.html>

“The main object of science is to forecast and measure: now we cannot forecast physical phenomena except on condition that we assume that they do not *endure* as we do ; and, on the other hand, the only thing we are able to measure is space. Hence the breach here comes about of itself between quality and quantity, between true

(231) duration and pure extensity. But when we turn to our conscious states, we have everything to gain by keeping up the illusion through which we make them share in the reciprocal externality of outer things, because this distinctness, and at the same time this solidification, enables us to give them fixed names in spite of their instability, and distinct ones in spite of their interpenetration. It enables us to objectify them, to throw them out into the current of social life.

Hence there are finally two different selves, one of which is, as it were, the external projection of the other, its spatial and, so to speak, social representation. We reach the former by deep introspection, which leads us to grasp our inner states as living things, constantly *becoming*, as free states not amenable to measure, which permeate one another and of which the succession in duration has nothing in-common with juxtaposition in homogeneous space. But the moments at which we thus grasp ourselves are rare, and that is just why we are rarely free. The greater part of the time we live outside ourselves, hardly perceiving anything of ourselves but our own ghost, a colourless shadow which pure duration projects into homogeneous space. Hence our life unfolds in space rather than in time ; we live for the external world rather than for ourselves; we speak rather than think ; we "are acted " rather than act ourselves. To act

(232) freely is to recover possession of oneself, and to get back into pure duration.

Portais em torno do realizador:

- http://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Daldry
- <http://www.ibdb.com/person.php?id=14547>
- <http://www.filmreference.com/film/92/Stephen-Daldry.html>
- <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/how-we-met-stephen-daldry-and-ian-macneil-1306112.html>

Portais em torno do filme:

- [http://en.wikipedia.org/wiki/The_Hours_\(film\)](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Hours_(film))
- <http://www.miramax.com/movie/the-hours/>
- <http://www.imdb.com/title/tt0274558/>
- <http://www.theguardian.com/theobserver/2003/feb/16/7>
- <http://www.theguardian.com/culture/2003/feb/14/artsfeatures>
- <http://www.nytimes.com/2002/12/27/movies/27HOUR.html>

ALGUMA BIBLIOGRAFIA DIGITAL EM TORNO DE VIRGÍNIA WOOLF:

- http://en.wikipedia.org/wiki/Mrs_Dalloway
- <http://www.gutenberg.org/ebooks/author/89>
- <http://worldcat.org/identities/lccn-n79-41870/>
- http://modernism.research.yale.edu/wiki/index.php/Virginia_Woolf
- <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7684201.stm>

